

As comunicações interpessoais e as redes informáticas



Por: Jerónimo Nunes

Docente do Departamento de Matemática da Universidade dos Açores
Membro do Centro de Matemática Aplicada e Tecnologias de Informação
jnunes@uac.pt

Uma das atividades essenciais ao ser humano é, inquestionavelmente, a comunicação, nas suas mais diversas vertentes, suportadas por diferentes meios de transmissão. Não tendo constituído a primeira forma de comunicação humana, a linguagem verbal nas suas modalidades escrita e falada é, sem dúvida, a mais divulgada e utilizada atualmente e aquela que apresenta maiores potencialidades. Até ao surgimento das telecomunicações, a comunicação oral obrigava a uma proximidade física entre o emissor e o receptor (ou recetores). A utilização da linguagem falada, mesmo que os interlocutores se encontrem fisicamente distantes, como nas comunicações telefónicas, decorre sempre em modo síncrono, isto é, o recetor começa a receber (ouvir) a mensagem (as palavras) uma fração de segundo após ser emitida. Por outro lado, a comunicação escrita decorre naturalmente de um modo assíncrono, com intervalos de tempo entre a emissão (escrita) e a receção (leitura) das mensagens muito variáveis, como o poderão ser as distâncias físicas entre os interlocutores.

Poderemos analisar as modalidades de comunicação segundo dois parâmetros, ou duas dimensões, independentes: espaço, a distância física que separa os emissores e os recetores; e tempo, o intervalo que decorre entre emissão e receção, como mostra a figura. Este critério de classificação foi definido por Robert Johansen que designou as quatro categorias resultantes como: “mesmo tempo, mesmo lugar” (same time, same place); “diferente tempo, mesmo lugar” (different time, same place); “mesmo tempo, diferente lugar” (same time, different place) e “diferente tempo, diferente lugar” (different time, different place). Jeffrey Hsu e Tony Lockwood designaram a categoria de comunicações síncronas e presenciais por “frente a frente” (face to face) e qualificaram as categorias não-presenciais como “distribuídas”. As comunicações em modo síncrono são muitas vezes referidas como comunicações “online”.

São exemplos de comunicações síncronas presenciais os diálogos entre apenas dois interlocutores, ou circunscritas a um pequeno grupo, e os discursos comunicações de um único orador (o emissor) para muitos ouvintes (os recetores).

As comunicações telefónicas são o exemplo mais comum de comunicações síncronas e não presenciais. As comunicações presenciais que decorrem de modo assíncrono terão pouca utilidade e apenas o seu aspeto lúdico poderá apresentar algum interesse. A correspondência escrita a carta, distribuída por correio postal, constitui o exemplo mais antigo de comunicações assíncronas não presenciais.

Outro aspeto a considerar numa comunicação é o número de intervenientes: os emissores e os recetores. As categorias de comunicação mencionadas podem envolver um emissor e um recetor (as comunicações telefónicas e os diálogos), um emissor e vários recetores (os discursos) ou ainda vários emissores e um ou vários recetores. Estes dois últimos casos apenas fazem sentido em comunicações assíncronas porque o ruído que se geraria, como resultado de vários emissores tentarem comunicar em simultâneo, tornaria praticamente impossível a receção em boas condições de qualquer mensagem.

Um terceiro aspeto a considerar no decorrer de uma comunicação, dependente do anterior, é o sentido em que as mensagens fluem, ou seja, a possibilidade de um mesmo interlocutor assumir dinamicamente os papéis de emissor e de recetor. Quando a comunicação se estabelece de um emissor para vários recetores é, na prática, difícil inverter os papéis dos interlocutores se a comunicação possuir um carácter síncrono. Só será possível se os emissores (antes recetores) respeitarem a regra de não tentarem intervir quando outro interlocutor o está a fazer. Normalmente isto é conseguido através da ação de um moderador que disciplinará as diversas intervenções.

Com a implantação das primeiras redes informáticas, no início da década de oitenta do século passado, começaram a surgir os primeiros programas informáticos de suporte às comunicações interpessoais assíncronas com a participação de múltiplos emissores ou recetores, tirando partido das capacidades do computador para armazenamento e processamento das informações (mensagens) transmitidas pelos intervenientes.

Na sua expressão mais simples, os sistemas de comunicação com suporte por computador permitem a colocação de mensagens, ditas públicas, no espaço de memória partilhado, tomando-as acessíveis a qualquer utilizador. Outra zona da memória, organizada em “caixas de correio eletrónico” estará destinada à troca de mensagens privadas entre os utilizadores as chamadas “mensagens de correio eletrónico”. Estes sistemas informáticos, conhecidos por BBS (Bulletin Board Systems), réplicas dos quadros de cortiça usados para afixar informações diversas, são ser dotados de boas capacidades de organização e processamento das mensagens de modo a facilitar a sua consulta e manipulação.

A evolução destes sistemas de comunicação foi no sentido da multiplicação dos espaços de memória abertos a vários utilizadores com a particularidade das mensagens neles contidas versarem um mesmo assunto. Esta forma particular de comunicação suportada por computador, designada “conferência por computador” (computer conferencing), pode ser conduzida e estimulada por um moderador ou conferencista convidado. É assim possível estabelecerem-se comunicações assíncronas entre vários emissores e recetores em que os mesmos interlocutores assumem alternadamente os papéis de emissores ou de recetores.

Outro género de espaços, denominados “bibliotecas” (libraries), era destinado ao armazenamento de ficheiros dos mais diversos tipos (programas, textos,

imagens, etc.) disponíveis aos utilizadores para transferência (download) para as respetivas máquinas, normalmente sem custos adicionais aos devidos pelo tráfego dos dados nas redes de transmissão.

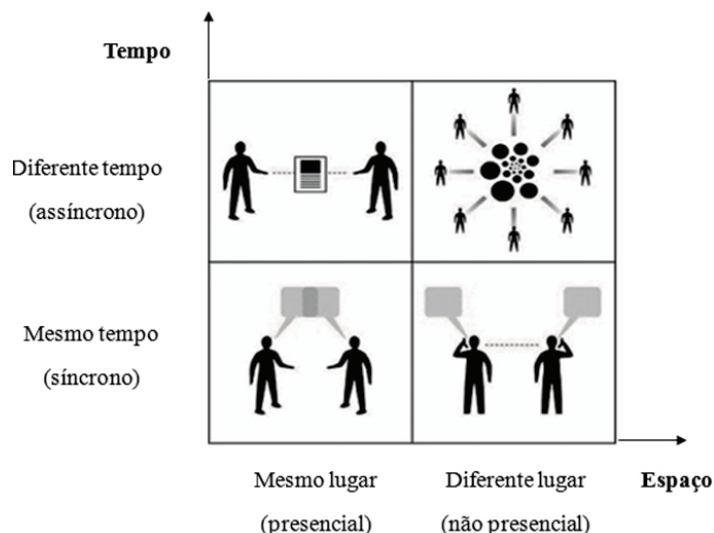
Estes três géneros de espaços quadro de mensagens públicas, bibliotecas e conferências surgem geralmente agrupados nos chamados “fóruns”, que nos grandes sistemas podem existir em elevado número e incidir sobre os mais diversificados assuntos. A pessoa que supervisiona as atividades de um fórum, recebe os novos membros, mantém os quadros de mensagens e as bibliotecas, disponibiliza auxílio, organiza as conferências, é designado por SYSOP (aglutinação de SYStem OPerator). Deve ser salientado que fazer funcionar um fórum não exige ao SYSOP capacidades técnicas especiais dado que o software de gestão de BBS possui uma interface amigável com o utilizador. Salienta-se também que, para uma pessoa se tornar SYSOP não é necessário estar, e normalmente não está, fisicamente próximo do computador onde a BBS está instalada. De facto, os SYSOP podem desempenhar a sua função utilizando, nas suas casas, computadores pessoais a partir dos quais chamam os computadores onde os fóruns decorrem.

Existiam ainda nas BBS outros espaços destinados ao estabelecimento de conversas informais, denominados “chat rooms” (salas de cavaqueira), onde os intervenientes trocavam curtas mensagens textuais que proporcionavam comunicações interpessoais síncronas não presenciais.

As BBS constituíam sistemas centralizados e inicialmente isolados porque, embora acessíveis através de redes de transmissão de dados, não existia nenhuma interligação com outros sistemas congéneres. Alguns destes sistemas tomaram-se bastante populares em todo o mundo: Compuserve, BIX (Byte Information eXchange) e WELL (Whole Earth ‘Lectronic Link), sendo esta última a única que mantém alguma atividade.

Apesar das limitações das BBS quanto à interface não gráfica e às mensagens não multimédia, consequência da reduzida capacidade de transmissão de dados da rede telefónica, estes sistemas permitiram a formação de comunidades virtuais, assim designadas por Howard Rheingold, em que os seus membros comungavam um autêntico espírito de entreajuda e partilha, criando entre si laços duradouros.

Num próximo artigo serão abordados outros sistemas de comunicação interpessoais com suporte por computador que tiram partido das redes informáticas de âmbito global.



Na Terceira

Quinta dos Açores recebe prémio do TripAdvisor



O restaurante da Quinta dos Açores, em Angra do Heroísmo, recebeu o certificado de excelência de 2015 do TripAdvisor, um site de turismo, em que os consumidores atribuem classificações a hotéis, restaurantes e locais de interesse por onde passam.

Segundo Telma Barcelos, da Quinta dos Açores, o prémio é um reconhecimento pelo esforço realizado. “É muito importante. É sinal de que somos reconhecidos não só pelo consumidor local, mas também pelo visitante que conhece as ilhas e identificou o espaço como um espaço interessante”, salientou em declarações ao DI. Segundo a empresária, os turistas gostam do conceito da Quinta dos Açores, sobretudo do ambiente, do “espaço clean”, da utilização de produtos da terra e do facto da empresa ser responsável pelos produtos desde a produção à transformação, tentando mantê-los “o mais saudável possível”. As notas mais positivas dos turistas no site TripAdvisor vão para os gelados, para a conjugação de carnes e produtos lácteos nos pratos e para o ambiente do espaço com vista sobre a cidade. Para a empresária, este modelo de votação tem um carácter “muito genuíno”, porque são os clientes do dia-a-dia que deixam comentários no site.

Este ano, os turistas demoraram um pouco mais a chegar à Terceira, segundo Telma Barcelos, mas “agora já se nota algum turismo”. Em São Miguel, onde a Quinta dos Açores também já abriu um restaurante, o número de turistas tem sido superior, desde a entrada em vigor do novo modelo de transporte aéreo.

CA/DI

Incineração esteve em debate no Expolab na Lagoa

O EXPOLAB, cumprindo a sua missão de informar e promover o debate sobre ciência, levou a efeito no passado dia 31 de Julho uma mesa redonda sobre o tema da incineração. A presidência e moderação da mesa foi feita pelo Director Executivo do Expolab, João Paulo Constância e a apresentação do tema ficou a cargo de Rodrigo Martinho, que abordou sucintamente o processo da incineração e os produtos resultantes. Seguiu-se uma mesa redonda, onde entrevistaram Diogo Caetano, Presidente dos “Amigos dos Açores”, Carlos Botelho da Musami, e Marco Filipe da empresa municipal Nordeste Activo.